

VIPERIDAE DE IMPORTÂNCIA MÉDICA DO RIO GRANDE DO SUL¹

Caroline Thérèse Aygadoux Martins², Mariana Matz Gutknecht³, Eduarda Martins Wunder⁴, Juliana Maria Fachinetto⁵

¹ Trabalho de revisão escrito para o grupo PET Biologia

² Bolsista PET pelo curso de Ciências Biológicas (bacharelado)

³ Bolsista PET pelo curso de Ciências Biológicas (bacharelado)

⁴ Aluna do curso de Ciências Biológicas (bacharelado)

⁵ Professora orientadora das bolsas PET e PIBIC pelo curso de Ciências Biológicas

Introdução

O Rio Grande do Sul apresenta em seu território dois ecossistemas distintos - a saber o Pampa, ao sul, e a Mata Atlântica, ao norte - com um ecótono extremamente biodiverso ao qual se convencionou chamar Estepes. Alternando entre cobertura florestal e áreas de campo, apresenta em sua diversidade faunística nativa vasta herpetofauna, dentre cujas famílias se destaca a Viperidae, representada no estado pelos gêneros *Bothrops* e *Crotalus*, cuja relevância é tanto ecológica quanto epidemiológica, dado o elevado número de acidentes envolvendo esses gêneros.

Objetivo

Há pouco conhecimento acerca das serpentes, seu comportamento, nicho ecológico e importância, o que gera não apenas hostilidade mas, devido à ignorância geral acerca dos métodos preventivos contra acidentes e procedimentos de primeiros-socorros às vítimas de picadas, também aumenta a frequência de acidentes e gravidade do envenenamento. O presente trabalho objetiva elencar as principais espécies de Viperidae presentes no estado do Rio Grande do Sul, suas características e distribuição geográfica, bem como um breve resumo dos primeiros socorros a serem prestados em caso de picadas de serpente.

Discussão

Viperidae consiste em uma grande família, com mais de 300 espécies pelo mundo; são serpentes de dentição solenóglifa, com presença de fosseta loreal, de escamas comumente ásperas e cabeças triangulares. No Brasil, é a família responsável pela maioria dos acidentes graves, devido a seu veneno hemorrágico (*Bothrops*) ou paralisante (*Crotalus*). Além das características do veneno, as *Bothrops* se diferenciam de *Crotalus* pelos padrões coloridos, tipo de habitat e pela ponta da cauda, lisa nas primeiras e dotada de uma “guizo” ou “chocalho” nas segundas. Quanto à distribuição, o primeiro gênero tem preferência por

menores altitudes e temperaturas mais elevadas, enquanto que o segundo predomina nas serras.

A *Bothrops alternatus*, ou urutu, é encontrada por todo o Rio Grande do Sul, e sua picada causa dor intensa e edema no local do ferimento, juntamente com sangramentos que podem facilmente evoluir para graves casos de hemorragias internas e derrames, isso devido à grande quantidade de veneno produzida por suas glândulas - em torno de 380 mg por extração - o que a torna provavelmente a espécie mais destrutiva. Sua coloração é amarronzada, de manchas dorsolaterais escuras em forma de ferradura ou gancho com contornos brancos. Seu comprimento varia de 1 a 1,5 m.

Bothrops jararaca (jararaca comum) é a espécie mais comum do Brasil, e pode ser encontrada ao norte, nordeste e região central do Rio Grande do Sul, preferindo áreas arborizadas. Apresentam uma coloração variável, indo dos tons castanho-claros até coloração quase totalmente preta, com desenhos em forma de "V" invertido, preto ou castanho escuro. Seu tamanho médio é de cerca de 1 m, chegando no máximo a 1,5 m. Possui uma alimentação variada, mas suas principais presas inclui roedores, outras serpentes, lebres, preás e coelhos. Trata-se de uma espécie com comportamento bastante agressivo e, devido ao seu hábito de subir em telhados baixos, árvores e arbustos, muitos dos acidentes ocorrem em pomares, quando o trabalhador está mexendo nos galhos em que a serpente se acomoda. Enquanto a maioria das espécies aqui citadas ocorre predominantemente na zona rural, a jararaca-comum se adapta bem à área suburbana e urbana, alimentando-se de roedores, aves e morcegos que abundam nesse ambiente e, devido à sua agilidade, ocultando-se em calhas, forros, sob construções e entulho, elemento que contribui grandemente para o número mais elevado de acidentes envolvendo esta espécie.

A *Bothrops pubescens*, ou jararaca-pintada, ocorre em praticamente todo o estado. De coloração amarronzada com desenhos em forma de trapézio em tons castanhos, tem porte de pequeno a médio. São animais noturnos, preferem as áreas abertas dos campos ou a serapilheira das florestas, comumente próximas de cursos d'água. Alimentam-se de roedores menores, aves e lagartos, e os acidentes ocorrem quando o ser humano pisa próximo ou sobre a cobra, ou mexe em galhos e folhagem sob as quais estejam ocultas.

Crotalus durissus (cascavel), por preferir altitudes elevadas e solo pedregoso, é uma espécie encontrada principalmente na região da Serra, noroeste do estado, fronteira com Santa Catarina e Centro-sul do estado do Rio Grande do Sul. É uma espécie caracterizada principalmente pelo guizo/chocalho ao final de sua cauda, o qual é usado principalmente para alertar sua presença ao mesmo tempo que ameaça seus predadores. Essa estrutura

se forma a partir das trocas de pele, sendo composta por anéis de pele morta deixados a cada muda: quanto maior o guizo, mais trocas de pele ocorreram. Contudo, as cascavéis podem perder o guizo, sendo diagnóstica do gênero sua coloração marrom-amarelada, com losangos mais escuros dorsolaterais, e linha vertebral pronunciada em castanho-claro. Seu comprimento pode ultrapassar facilmente 1,60 m.

Acidentes ofídicos sempre carecem de atendimento médico, pois a diferenciação entre serpente peçonhenta ou não-peçonhenta é feita através da marca da mordida e, se possível, da análise do animal quando capturado e levado, ou fotografado. Existem soros específicos para cada gênero, e ocorrências com serpentes não-peçonhentas exigem antibioticoterapia a fim de evitar graves infecções. O procedimento padrão no atendimento à vítima consiste em mantê-la calma, lavar a ferida com água e sabão, manter o membro afetado abaixo da linha cardíaca (a fim de evitar que o veneno se espalhe rapidamente) e levar o indivíduo o quanto antes para o hospital.

Torna-se importante salientar que o ser humano não faz parte da cadeia alimentar das serpentes, e os acidentes ocorrem como um movimento de defesa do animal. Os ofídios em geral são elementos cruciais em seus ecossistemas, responsáveis pelo controle de roedores e diversas espécies potencialmente danosas ao ambiente e mesmo ao ser humano, seja enquanto “pragas” ou como vetores de doenças. A profilaxia indicada envolve a proteção de mãos e pés ao trabalhar no campo, ao limpar calhas ou mexer com entulho, e a atenção aos espaços em geral. Se encontrada uma serpente nos arredores de moradias, a medida a ser tomada é o contato com o corpo de bombeiros ou polícia ambiental, para encaminhamento do espécime a local apropriado. Tentar matar ou capturar a cobra pode acarretar em acidente, além de consistir em crime ambiental.

Conclusão

Acidentes ofídicos - especialmente com Viperidae - assumem característica epidemiológica no país, principalmente pela desinformação popular acerca da prevenção e dos procedimentos de primeiros socorros relativos a tais eventos. Faz-se necessária uma campanha informativa que vise mitigar tal falha e, como consequência, tanto desmistificar a visão de terror que se tem sobre as serpentes quanto reduzir o número e gravidade das ocorrências por meio de melhor conduta e manejo das atividades no campo e cidade, visando à saúde da população e manutenção da herpetofauna enquanto importante elo dos ecossistemas naturais, rurais e mesmo urbanos.